

In Memoriam

Daniel Matteo Castro (1958 - 1990)

Marcos Lourenço Herter

O Departamento de Psicologia, o CCH e a UFSC perdem de seu convívio acadêmico, o Prof. DANIEL MATTEO CASTRO, vítima de um trágico acidente na SC-401, nas imediações do Morro de Santo Antonio, no dia 11/5 às 18h50 min.

O Prof. Daniel, filho de Hugo Eduardo Matteo e Marisa Larraskue, nasceu em 01/01/58 na cidade de Montevidéu, no Uruguai. Graduou-se em Psicologia pela Universidade Católica de Montevidéu. Obteve o grau de Mestre em Psicologia na Universidade de Brasília (UnB) em 1987, onde defendeu a tese "Tentativa Metodológica para o Estudo da Compreensão de Metáforas em Crianças Pré-escolares". Neste trabalho construiu um instrumento pioneiro para compreensão de metáforas em crianças.

Daniel veio transferido, a seu pedido, da Universidade Federal de Uberlândia no final do ano de 1989. Lecionava as disciplinas de Psicologia Social, Psicologia Aplicada à Administração e Psicologia da Indústria.

Deixa viúva, a Sra. Márcia Regina Maciel Matteo, duas filhas menores, Tainá Regina (3 anos) e Danielle Alexandra (6 meses). Era ainda tutor de Regina Aparecida da Mota (15 anos).

Amava o Estado de Santa Catarina, Florianópolis, em especial a "ilha", que o acolheu como seu filho. Esta é a razão que o levou a dar o nome da Padroeira do Estado à sua filha Alexandra. Foi sepultado, a seu pedido, no cemitério da Armação, localidade do sul da ilha.

Deixa no Departamento de Psicologia, entre seus colegas, um grande vazio, apesar do pouco tempo de convívio.

In Memoriam

Alroino Baltazar Eble (1945-1990)

Maria José Reis

Em 21 de junho, parentes e amigos, nos despedimos do Eble (assim eu o chamava), na "sua" Blumenau, de que se fizera filho a partir dos 11 anos de idade.

Embora tivéssemos ambos nascido em Rio do Sul (SC), só vim a conhecê-lo pessoalmente em meados da década de sessenta, já na UFSC. Antes dele, chegaram até mim os "disque-disque", próprios de uma pequena Universidade, que contava, à época, com apenas 500 alunos. Comentava-se que ingressara em nosso curso de História, um "rapaz de Blumenau" que fazia furor entre os colegas, provocando, também, inquietação e até irritação em alguns professores, satisfação em outros, pelo seu indiscutível preparo intelectual, pela ousadia e irreverência com que expunha suas idéias. Era bem informado em várias áreas de conhecimento além da História, um pouco ao estilo dos "naturalistas" do século passado. Aventurava-se, ainda, na literatura, tendo publicado uma coletânea de poesias que escrevera aos 19 anos de idade. Sua grande paixão, no entanto, já era a Arqueologia.

Mal terminara a graduação na UFSC (1969), iniciava um pós-graduação em Antropologia na Pennsylvania State University, onde permaneceu por um ano.

Ingressamos ambos na UFSC, em março de 71, como professores. Dai para frente, como eu também optara por fazer carreira na Arqueologia, desenvolvemos juntos várias atividades acadêmicas. Em 1972 visitamos os Museus Antropológicos do Rio Grande do Sul e, no mesmo ano, realizamos levantamentos de sítios arqueológicos no Alto Vale do Itajaí (SC). Em 73 iniciamos o Mestrado na USP. Em 76 realizamos pesquisa em sítios da região da Serra do Tabuleiro (SC). Em tudo que compartilhamos, foi um bom companheiro.

Eble elegeu, todavia, como sua área preferencial de pesquisa, o Vale do Itajaí, tendo publicado, principalmente nos Anais do Museu de Antropologia da UFSC, vários artigos sobre a arqueologia da região. Sua trajetória acadêmica incluiu uma curta viagem de estudos a Paris, além de ter dirigido, por um ano, nosso Museu de Antropologia. A par destas atividades, lecionou disciplinas de Antropologia para diferentes cursos. Sua imagem como professor foi sempre contraditória, acredito que pelo caráter polêmico de suas aulas.

Por razões que até hoje não fui capaz de desvendar (quem sabe a doença que tão cedo o levou já o incomodasse), aos poucos, pelo final da década de 70, foi se afastando da Arqueologia. Sempre o lamentei, pois muito teria a contribuir para esta área de conhecimento já que aliava ao preparo intelectual o gosto pela pesquisa.

A partir daí, quem tanto fez uso da palavra na Academia, como bem o atesta o número de palestras e cursos extra-curriculares que ministrou, impulsionado, sem dúvida, pelo seu espírito arguto e criativo, dedicou-se a estudos sobre Linguagem e Semiótica. Publicou alguns artigos sobre o assunto, fazendo-os igualmente, temas de inúmeras outras comunicações.

Em sua luta pela manutenção da vida, batalhou, enquanto suas condições físicas o permitiram, para permanecer vinculado à UFSC, na condição de professor. E nós, Eble, "o pessoal da Antropologia" e muitos outros colegas do CSO e do CCH, embora não o tenhamos podido perceber, estivemos, cada um a seu modo, torcendo por ti.